



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

NILSON CORREIA NÓBREGA

**O ENSINO DE FILOSOFIA E SEUS CONFLITOS: A MOTIVAÇÃO COMO
RESGATE FILOSÓFICO DE UMA NOVA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

CAMPINA GRANDE

2018

NILSON CORREIA NÓBREGA

**O ENSINO DE FILOSOFIA E SEUS CONFLITOS: A MOTIVAÇÃO COMO
RESGATE FILOSÓFICO DE UMA NOVA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754e Nóbrega, Nilson Correia.

O ensino de filosofia e seus conflitos: [manuscrito] : a motivação como resgate filosófico de uma nova prática pedagógica / Nilson Correia Nóbrega. - 2018.
28 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda. , Departamento de Filosofia - CEDUC."

1. Ensino de filosofia. 2. Linguagem. 3. Prática pedagógica.

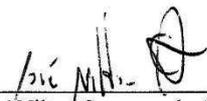
21. ed. CDD 371.12

NILSON CORREIA NÓBREGA

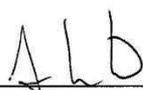
O ensino de filosofia e seus conflitos: a motivação como resgate filosófico de uma nova prática pedagógica

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 21/03/2018.



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me acompanham na feliz missão que reflete na busca do conhecimento, transmissão, partilha como exercício essencial para a filosofia.

À minha querida família, em especial nas pessoas de meus filhos: Quesia Diniz Correia, Ana Sophia Diniz Correia e Samuel Diniz Correia, onde encontrei inspiração, disposição e coragem para realizar esta conquista.

In memória, do meu querido pai José Nilson Alves Nóbrega, que nos deixa saudades e o exemplo de determinação e coragem para enfrentar a vida.

Ao amigo Antônio Carlos, vulgo Fred, que sempre apóia a discussão sobre os assuntos que envolvem a formação do homem em seu meio, especialmente em matéria de educação e como esta caminha nos dias atuais.

Aos amigos que no curso da vida nos trazem sorrisos e despedidas. Alegrias por celebrar a vida, e despedidas que traz certo “vazio” da presença física. *In memória* dos amigos Olívio Bandeira Neto e Adriano, onde, tive o prazer de conviver e ter várias experiências boas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, por me conceber a saúde para o trabalho, a coragem para o enfrentamento, e o “juízo” para as realizações do que devo dá conta a cada dia e noite.

À minha querida família, em especial nas pessoas de Samara Diniz (esposa), Margarida Diniz (sogra) e Antônia Correia (mãe), com a força e o pensamento positivo que me serviu de grande auxílio para esta conquista.

Ao professor José Nilton Conserva de Arruda pela grande força com indicações de livros, aulas, correções que constituíram o movimento fundamental para o resultado desta contribuição iluminada para a filosofia. Em especial, ao sentido do seu ensino.

Aos professores Júlio Cesar e Arlindo Aguiar por aceitarem o convite de compor a banca para este trabalho.

Aos professores do curso da Especialização em Filosofia da Educação da UEPB.

“Educar é entrar no mundo. Educar é herdar um enfrentamento de gerações. Pois, estaríamos em pensar uma educação partindo de uma crise concebida por um movimento que nasce como proposta que deve preservar o nascimento para o futuro. Como educar para o futuro sem criticar o presente? Acreditamos e desejamos uma educação voltada para o futuro, por isso justificamos as mudanças promovidas pela a essência de viver e buscar o novo pela reprodução do antigo.”

Nilson Correia Nóbrega

O ENSINO DE FILOSOFIA E SEUS CONFLITOS: A MOTIVAÇÃO COMO RESGATE FILOSÓFICO DE UMA NOVA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nóbrega, Nilson Correia¹

RESUMO

O artigo foca o campo dos discursos apresentados e debatidos por pensadores, professores e teóricos da educação, problematizando diretamente, não só a prática do ensino voltado para “*única*” instituição que pode certificar o aluno para o trabalho, a escola, mas também, desenvolvendo uma reflexão sobre os conflitos existentes nos dias de hoje no âmbito da formação que nos convida a promover um aprofundamento do conhecimento. Seja, junto da experiência voltada para o desenvolvimento da prática de ensino de filosofia, ou no alcance, talvez, da superação dos seus “*limites*”, enquanto referência à linguagem encontrada nos conteúdos propostos. Assim, apresentamos diferentes testemunhos retirados de reflexões desenvolvidas pelos principais operadores da educação: professores, filósofos, pedagogos. Acompanhamos um diagnóstico sobre o panorama atual do ensino de filosofia, destacando seus desafios e potencialidades. Despertando assim um interesse pelos acertos e erros que se encontram nos aspectos mais sensíveis desta experiência: ensino-aprendizagem, conteúdos e motivações.

Palavras-chave: Ensino de filosofia; Motivações; linguagem.

¹Discente do Curso de Especialização em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND ITS CONFLICTS: THE MOTIVATION AS A PHILOSOPHICAL RESCUE/INTERVENTION OF A NEW PEDAGOGICAL PRACTICE

Nóbrega, Nilson Correia²

SUMMARY

The article focuses on the field of discussions presented and debated by philosophers, teachers and educational theorists, questioning directly, not only the practicing of teaching aimed to “unique” institution which can certify the student for the working Market, the school, but also, develop a reflection about the existing conflicts in the formation scope nowadays which invite us to promote a deepening of knowledge. Be it close to the experience focused on the developing of the teaching practice of philosophy, either in the extent, maybe, the overcoming of its “limits”, while making reference to the language found in the proposed contentes. Therefore, we present different testimonies extracted from reflections developed by the main operators of education: teachers, philosophers, pedagogues. We have examined one diagnostic about the current overview of philosophy teaching, pointing out its challenges and potentialities. Thus, awakening na interest for the hits and misses which are found in the most sensible aspects of this experience: teaching – learning, contentes and motivations.

Key words: Philosophy teaching; Motivations; Language.

² Student of the Specialization course in Philosophy at the State University of Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1.O PROCESSO EDUCATIVO NOS SEUS IMPASSES E POSSIBILIDADES.....	12
2.A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO ENSINO DE FILOSOFIA	20
3.OS IDEAIS DE HABERMAS E RORTY E A RENOVACÃO DO MODELO EDUCACIONAL.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Assumindo uma perspectiva instrumental o ensino nos dias de hoje é concebido como um instrumento pedagógico que tende ao mesmo tempo auxiliar o aluno no seu descobrimento como pessoa e preparar a sua inserção no âmbito de uma sociedade capitalista, consumista e constantemente submetida a modificações. Isto é, prepará-lo para sua inserção no mercado de trabalho no contexto de uma realidade em contínua transformação.

A educação escolar se constitui num processo que nos coloca diante de desafios que, por vezes, acabam dificultando a possibilidade de alcançar o objetivo da formação. Em especial a formação de nível médio.

No âmbito deste processo educativo, em construção, sentimos a necessidade de aprofundar um estudo sobre os impasses encontrados, que nos conduziu assim a pensar em alternativas, assinalar e discutir propostas que sejam postas em sintonia com a experiência de educadores que testemunham essas mesmas dificuldades. Dessa maneira, tomamos um texto para guiar a nossa reflexão: um livro guia para orientar ações que tornem adequadas e viáveis as propostas educativas e que ofereçam um contorno para o ensino de filosofia, objeto mais próximo da análise aqui desenvolvida.

O texto elaborado pelo MEC³ apresenta uma espécie de “acompanhamento” realizado por especialistas em distintas áreas da filosofia em particular, mas que abordam desafios voltados para a formação do aluno. Problemas dos quais se encontram com a grande importância e relevância social. Sendo assim, a nossa proposta foca o campo dos discursos apresentados e discutidos por pensadores, professores e teóricos da educação, elencados no referido documento. Correspondendo diretamente, não só a prática do ensino voltado para “única” instituição que pode certificar o aluno para o trabalho, A ESCOLA, mas também, desenvolver a proposta que deve ser trabalhada, partindo dos conflitos existentes nos dias de hoje no âmbito da graduação, nos convidando a promover um aprofundamento do conhecimento. Seja, junto da experiência voltada para o desenvolvimento da prática de ensino, ou no alcance, talvez, da superação dos seus “limites”, enquanto encontro elevado por referência à linguagem, encontrada nos conteúdos propostos nos apresentado uma reflexão sobre: “o que

³Coleção Explorando o Ensino, Filosofia: ensino médio; vol.14.

devemos agregar para desenvolver esta nova perspectiva voltada ao ensino de filosofia?”

Tal reflexão nos coloca em um exercício que assume uma perspectiva, e que nos leva para uma breve abordagem, dividida em três momentos que se traduzem na expectativa de “*superação*” dos desafios que encontramos hoje no ensino. Especialmente quando voltado ao fator de um fazer filosofar que tende trazer o diálogo sobre a realidade do aluno. Acreditando que o aspecto motivacional desenvolvido no âmbito da escola e da comunidade engajada, deveria conduzir à superação dos desafios que permeiam o ensino e formação do aluno.

Apresentamos no primeiro momento o que foi pensado e montado com a participação dos operadores da educação: professores, filósofos, pedagogos. Acompanhamos um diagnóstico sobre o panorama atual do ensino de filosofia, destacando seus desafios e potencialidades. Despertando assim um interesse pelos acertos e erros que se encontram no aspecto mais sensível desta experiência. Pois, estruturar uma comunicação, deverá, ao mesmo tempo, identificar e estabelecer as necessidades que diferenciam e norteiam a realidade do ensino de filosofia. Buscando elementos necessários para promover o diálogo e a integração, de modo que devem ser apresentadas aos estudantes a importância do efeito agregador e articulador para a compreensão do conjunto que forma o conhecimento.

No segundo momento, apresentaremos um breve desenvolvimento sobre os aspectos da linguagem mais adequada para o ensino de filosofia. Aqui, encontramos um dos elementos mais importantes para o sentido da nossa proposta. Consolidando o que nos leva ao aprofundamento de como este “ideal” serve para a emancipação do estudante. Portanto, ver que em matéria dos programas de governo, a exemplo dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que prima pela “*habitação*” do aluno na cultura e apreensão de técnicas.

No terceiro momento, encontramos uma abordagem que remete a linguagem, partindo dos ideais propostos no movimento elencando no século XX, apresentando um destaque para a visão pragmática do ensino, onde, atua e justifica a intenção intrínseca do conteúdo, ao passo que deve encontrar uma ação que motiva o aluno para os conteúdos das aulas, ao mesmo tempo em que devem ser trabalhados sem que a atenção do aluno não se disperse. Assim, a proposta do trabalho deve seguir para uma

“superação” do ensino de filosofia, e, o zelo da proposta se dá no compromisso de desenvolver uma reflexão sobre o ensino de filosofia que se encontra ao mesmo tempo:

a) por uma interpretação de reflexão sobre a realidade, que se aproxima por um movimento que se apresenta como autocrítica;

b) pelo fato de vivermos uma realidade que se compõem por um “*mundo conectado*” herdado no século XXI, em seus aspectos estruturais que traçam uma direção sobre o caráter “*negativo*” e “*apelativo*”. Vividos e transmitidos na prática de ensino nos dias de hoje.

Com isto, podemos dizer que o aspecto motivacional se insere em um processo que tenta encontrar e demonstrar, a partir da experiência e com base para o “*progresso da aprendizagem*”, o aspecto do caráter interdisciplinar. Assim, e, num “*contexto mais geral*”, falamos da prática de *ensino e aprendizagem* que deve encontrar, não só uma relação particular vivida na sensibilidade de interpretar, mas também, acreditamos por vezes que o aspecto motivacional deve atender não só os estudantes, mas também todos os operadores que fazem o ensino no Brasil. Em especial, o ensino de filosofia, de modo que deverá nos aproximar daquilo que acreditamos como o real sentido do seu ensino.

1.0 PROCESSO EDUCATIVO NOS SEUS IMPASSES E POSSIBILIDADES

Partindo de observações em relação à prática de formar professores para o ensino da disciplina de filosofia, abre-se um espaço para a discussão que assume uma “*alternativa*” para as práticas educativas. Alternativas já presentes no campo de reflexão das ciências sociais e nos próprios sistemas de educação. Deste modo, os processos educativos e a sistematização dos métodos trabalhados até os dias de hoje, sustentaria a nossa observação, enquanto reforço e esforço para a defesa da proposta alternativa; compreende a educação escolar como a principal força de emancipação presente na sociedade.

Refletir sobre este processo educativo nos conduz a se perguntar pela formação profissional, que encontra sérias dificuldades em função do estreitamento do mercado de trabalho para os “profissionais” da filosofia. Para tanto, devemos de início tratar de responder questões que se concentram na análise da formação profissional, e com ela reconhecer os seus resultados. Por um momento, podemos imaginar que essa mudança se encontra no discurso apresentado como uma transformação do modo de ensino, pois estaria no seu valor um compromisso com aquilo que entendemos ser na pessoa do professor, o facilitador, um mediador para a *transmissão* do conhecimento. E com isto, encontramos uma *ação* de agregar valores que qualifiquem o aluno para a vida na sociedade.

A escola encaminha para o mercado de trabalho como um fim útil, atendendo a realidade do sujeito inserido no fator econômico e social. Caberia aqui, uma consideração sobre o modelo de educação escolar voltado, de modo mais preponderante, para inserção no mercado de trabalho. Pois, este tem se constituído na motivação mais forte que conduz os alunos para darem atenção aos conteúdos que são ensinados.

Partindo desta realidade até aqui esboçada, o MEC tratou de fomentar uma discussão sobre o ensino de filosofia convidando teóricos, educadores e filósofos para compor um documento que mais tarde serviria como base para as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs).

O diagnóstico dos problemas que atingem o ensino de filosofia, ao mesmo tempo nos convida a refletir sobre os diagnósticos apresentados visando à superação das dificuldades que se instauraram. Uma constatação se impõe aquela de que parte

considerável dos problemas que enfrentamos em relação ao ensino de filosofia está associada a sua não obrigatoriedade no ensino, fato que durou mais de duas décadas, e sua ausência a colocou fora das preocupações que impulsionaram as reformas da educação realizadas no país.

Nos dias de hoje vivenciamos uma realidade bastante negativa, inclusive testemunhada não só professores, mas também por parte da administração que sempre assinala como o ensino de filosofia tem sido marcado por altos e baixos. Mesmo com uma realidade configurado pelos esforços realizados por profissionais dedicados, sua história ainda é marcada por aspectos negativos, com sérias fragilidades, algumas decorrentes dos próprios percalços da sua história acidentada, outras do modelo de educação vigente na nossa sociedade. Acompanhemos um testemunho sobre esta realidade:

É preciso aprofundar essa experiência para que ela se torne mais efetiva tanto para o licenciando quanto para os professores já em exercício e para as escolas onde trabalham. Sem dúvida é um desafio imenso. Um problema em questão é o fato de que no *ensino médio* temos quedar aula para alunos que não vão seguir a carreira de profissional em filosofia. Os professores vão ter que encontrar maneiras de fazer a filosofia ter sentido para este público, que não vai necessariamente estar interessado em aprofundar aquele conteúdo filosófico para além do que vai ser dado na escola. Penso que principalmente nos primeiros anos de implantação da filosofia na escola será interessante estar atento à diversidade, às formas encontradas pelos professores para levar a disciplina até os alunos. (GUIMARÃES, In: CORNELLI, p. 29)

Vivenciamos uma realidade nas escolas que nos distanciam dos alunos. Percebemos isto a partir da carga horária, melhor falar dos “*minutos*”, que são disponibilizados na grade escolar para a disciplina filosofia. Talvez não seja um caso para generalizarmos, mas é o estatisticamente mais recorrente, atestando a enorme desvantagem em comparação com outras disciplinas. Portanto, seria um problema de gestão que tende a atender interesses econômicos do mercado, que se volta mais para certas áreas do conhecimento. Voltadas para responder uma realidade de demanda de mão de obra, das necessidades do mercado.

No terreno dos cursos superiores, percebemos o efeito desta política educacional, quando focamos a procura pelos cursos que oferecem os melhores salários

em comparação aos das licenciaturas. Se for mais interessante para a nossa sociedade a construção de enormes edifícios que enxergar resultados práticos do pensamento de algum pensador clássico, por exemplo, então se invista nas engenharias que nas ciências humanas. Podemos dizer que as condições necessárias para um processo educativo completo não são atendidas e muito menos oferecidas pelas instituições que executam um programa de ensino, que se encontra apenas na sala de aula com suas paredes, quadros, professores, etc. Devemos pensar cobrar e executar um modelo de ensino e uma prática de aprendizagem para, além disto.

Esta observação é fundamental para se promover uma alternativa no campo do ensino e aprendizagem da filosofia, levando em consideração o que está na base da educação. Sejam os valores éticos, políticos, humanos, enfim, direcionados para uma formação de cada indivíduo. Para uma vida em sociedade de modo completo, que seja mais que um mero profissional, mas um cidadão capaz de participar de modo construtivo na sociedade, disseminando valores e contribuindo de modo afirmativo para a vida social.

Uma proposta de ensino já existente nas condições atuais não traz resultados significativos para o equilíbrio do ensino de filosofia em relação com outros conteúdos. Assim, além de identificar as dificuldades e fragilidades que acompanha o ensino de filosofia, deve-se fazer uma reflexão no intuito de superar o que hoje entendemos ser o papel essencial da educação no seu processo formador, tornando um dos pontos de grande importância. Trazendo assim, a formação e suas prerrogativas acompanhadas como pontos norteadores para o ensino e aprendizagem.

O desenvolvimento, neste compromisso, caracteriza a formação dos jovens na escola como resgate do compromisso com eles mesmos.

A escola que vemos hoje se preocupa em oferecer uma formação simplista, uma instituição reduzida a executar uma doutrina mais econômica que pedagógica. Pois estaria no ensinar de algumas habilidades que nem sempre significa condições de opção, ou mesmo, de possibilidade de fazer valer a experiência das pessoas. Uma conduta de educação restrita que tem uma característica marcada pela distância da função educativa evidenciada por parte da crítica especializada, e também pela proposta institucionalizada da educação que sofre constantemente por ser alvo de uma realidade que não traz resultados de sua aplicabilidade.

A viabilidade do ensino de filosofia está diretamente associada à superação do nosso modelo de educação:

... Dizia-se que a presença da filosofia na educação dos jovens justificava-se pela necessidade de um desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes. Com a retirada da filosofia dos currículos havia sido obra da reforma de cunho tecnicista da educação básica levado a cabo por aquele regime no final dos anos de 1960 e início da década de 1970, atribuíam-se à exclusão da filosofia e de outras disciplinas de humanidades a falta de criticidade e o excesso de tecnicismo na formação de nossos jovens. E, neste quadro, a filosofia aparecia como o antídoto necessário e apropriado a um processo de redemocratização da sociedade brasileira. (GALLO, In: CORNELLI, 2010, pp.159, 160)

Com base nisto, o ensino de filosofia encontra no ambiente da escola o processo transformador que envolve “*todos*” e “*tudo*” em nossa sociedade. Deste modo, podemos entender que a educação não é algo espontâneo, pois se tornou um meio de controle e de reforço para a “*desigualdade*” social. Uma espécie de convergência como “*fruto*” do exercício de “*posse*” do conhecimento e aptidões de uns sobre os outros.

A simples instrução determina o conhecimento e habilidades exercidos como pontos de restrições. “Acredita-se então que a superação se configura no constante e permanente exercício de investigar a relação que existe entre a escola e a vida do homem como indivíduo e como ser social”. (PAVIANE, 1989, p. 17).

Este modelo de educação que temos hoje, voltada à educação enquanto formação que deve profissionalizar, não é o mais adequado para o ensino de filosofia. No modelo alternativo encontramos a possibilidade do indivíduo superar boa parte dos conflitos vigentes na educação. Em uma concepção ampliada de educação, profissionalizar e preparar para a cidadania enfatiza-se uma concepção de homem projetado para a sociedade moldada e articulada por uma visão que trata da educação como projeto político. Assim, podemos dizer que se volta para atender o exercício da consciência crítica. Seja diante das ciências, das ideologias, dos costumes, devemos partir da integração do pensamento e da ação que favorece o espírito democrático, formando assim, um senso de tolerância e de respeito.

Para atender aos múltiplos interesses sociais aos diferentes grupos e segmentos da sociedade, a educação deve assumir uma perspectiva mais ampla e complexa, mesmo

que este implique em perda do ponto de vista de profissionalização rápida e mecânica. Isto implica em um novo papel social e histórico, exigindo uma nova prática pedagógica, e novos conteúdos a serem devidamente ensinados.

Neste novo modelo educativo nenhuma instância do conhecimento pode ser vista de modo separado, mas como um conjunto que possibilitará uma formação completa e adequada para responder as exigências das sociedades complexas como as nossas.

A educação, o ensino e a aprendizagem não podem ser vistas de modos isolados, da mesma forma que os fenômenos econômicos, sociais, e mesmo culturais.

A vida e a educação caminham juntas, ao ponto de se fundirem. Já a reflexão crítica procura examinar a origem do conhecimento, e, quando este é de cunho científico, especificamente, deve atuar por uma representatividade da realidade. Para isto podemos dizer que: “A natureza do processo de investigação vai tratar de uma condição essencial que é a transmissão do conhecimento que o homem e a sociedade atual acumulam, transmitem, elaboram e usam para resolver seus problemas e entender as suas necessidades.” (PAVIANE, 1989, p.22).

Para que o novo modelo de educação seja viável é de fundamental importância fomentar uma cultura capaz de fazer cultura, então apenas de efetivar sua mera reprodução, inviabilizando uma autêntica prática educativa, pois o processo formativo deve garantir a retransmissão cultural, que faz com que cada indivíduo possa identificar-se com uma comunidade, mas ao mesmo tempo é necessário possibilitar a construção de uma identidade individualizada, que envolve criatividade e liberdade. Esta necessidade de construir um processo educativo completo implica um redimensionamento do uso que fazemos dos conteúdos e da linguagem.

Cada professor deve realizar uma relação criativa com ambos para que possa estimular os seus alunos na criatividade, na invenção, na liberdade conceitual. Este movimento de livre relação com os conteúdos e com a linguagem pode ser o terreno fértil de uma cultura e de uma educação competente.

O aluno será estimulado a vivenciar uma liberdade de pensamento, não mais um mero repetidor de conteúdos:

Caminhando nesta direção, penso que podemos fazer das aulas de filosofia laboratórios de experiências de pensamento, que gosto de chamar de *oficinas de conceito*. Um ensino ativo da filosofia, que coloque os jovens estudantes em contato com a própria atividade filosófica: a criação conceitual, mais do que com sua história, ou com os temas dominantes nessa história, ou com os temas hoje importantes. Claro que tudo isso está subentendido e articulado, mas proponho focarmos o ensino no conceito e em sua produção, no ponto de partida do pensamento, isto é, nos problemas que os motivam. Trata-se, então, de realizar com os estudantes o movimento de pensamento próprio da atividade filosófica, a criação conceitual. Um professor de filosofia que faça esse movimento precisa assumir-se ele mesmo como filósofo. (GALLO, In: CORNELLI, 2010, p.164)

Neste percurso, o professor tornou-se “personagem” que “deve” oferecer condições para que os alunos interajam entre si e em suas relações com os outros.

O ensino condiciona a estrutura “mono lógico” da razão, e que sem apelar para a eliminação das diferenças presente no outro (*oposição*), age do mesmo modo em que se instaura no diálogo a proposta pluralista. Evitando que o logos possa coincidir com uma neutralidade impessoal.

A implicação que existe dentro do espaço da educação, em sua característica pluralista, “concretizou” a existência de uma necessidade que surge de forma emergente e dentro de inúmeras dificuldades no campo da educação, pois, o que se buscou até aqui foi desenvolver, promover e reconhecer as diferenças que existe(m) no(s) outro(s). Ao mesmo tempo em que existe também o reconhecimento da necessidade do outro, no que se volta dentro do exercício de divulgação do ensino e da sua aprendizagem como forma competente e ativa, pronta para um novo espaço que se encontra em construção.

A prova para o professor, enquanto avaliador e detentor de um “método assistido” é de condicionar, dentro das relações existentes, observações apresentadas, e que se apresentam por conhecimentos dentro de limites. Assim, entendemos que nos modelos da sociedade, ou mesmo no caráter social, pela qual necessitamos do livre exercício democrático, atender esta educação nos insere ao mesmo tempo em uma visão de entrega. Assim, dizemos de certa máxima da nossa proposta: “*nós formamos, para formar*”.

Devemos ter, antes de tudo, um compromisso de reconhecer que a filosofia em uma efetiva prática de liberdade vai implicar na necessidade de reconstrução da educação como prática formativa completa, e não uma mera retransmissão de saberes em vista da profissionalização. Refletir sobre a necessidade do abandono de uma posição subalterna, de menoridade, conduz a promoção de um novo papel para a filosofia e para a educação na sociedade.

Pensando neste compromisso de uma educação responsável e efetiva, podemos problematizar o retorno da disciplina de Filosofia no ensino médio, e até que ponto vai este compromisso de desenvolver uma efetivação responsável de seu retorno? Como podemos realizar essa proposta em pleno século XXI?

Para responder de forma “preliminar” tais questões, a professora M^a Lucia Aranha nos oferece uma pista:

Encarar a luta do retorno da filosofia às salas de aula, como um significado de defesa como contribuição, ao mesmo tempo em que atua para uma formação integral do cidadão. Não só se detendo ao aluno, mas viabilizamos também a formação do professor em seu papel fundamental para a construção do processo de formação. Sendo qual for seu caminho profissional que o aluno tende a seguir, estariam nas pessoas que além de suas profissões, possuem uma família, fazem parte de uma comunidade, e que como um todo são seres humanos situados em um tempo e espaço capazes de produzir uma reflexão para si mesma. (ARANHA, 2006, p. 38).

A teoria da educação em seu papel formador deve incluir, certamente, a possibilidade de “figurarmos” uma espécie de ciclo, que traz valores da educação por um modo simples e comum a todos. Talvez aqui, encontramos uma proximidade sobre o que desenvolvemos como prática de ensino que se dá num conhecer antes para poder efetivar a sua transmissão. Ou seja, estamos falando de um aprendizado que é conduzido por referências históricas, culturais e sociais.

Construindo-se a partir de práticas já existentes, adquiridas através de fenômenos da participação política, social, econômica e cultural, realiza-se assim, por meio de conflitos, da reflexão dos diferentes conhecimentos. Tudo isso é que condiciona o sujeito no seu mundo e na sua aprendizagem traduzida nas diferentes teorias sobre a educação:

O sujeito de uma ação é condicionado por referências que se apresentam para a interpretação. Ao passo que configuramos também, se assim podemos dizer de sua formação encontrada nas próprias tendências atuais, observadas nas teorias da educação. São estas: 1-teorias que reproduzem na educação, a sociedade; 2-teorias que pretende através da educação, humanizar, renovar, aperfeiçoar esses tipos de sociedades; 3-teorias que querem mudá-la totalmente. Para tanto, encontramos uma linha condutora que traz uma harmonia entres estas teorias quase que preenchida pela educação do professor: “a atitude científica é uma conquista do espaço ético, para si -o professor- e para o aluno. (PAVIANE, pp. 34-37).

A promoção de uma reflexão a partir da problemática encontrada nas práticas educativas reais aponta alguns elementos que possibilitam a motivação no momento de crise do ensino de filosofia. Como afirmou Aristóteles: *“a filosofia se define como um fim em si mesma, e não como um meio para atingir a um objetivo determinado.”* (GALLO, In: CORNELLI, 2010, p.161)

Com tudo, atentemos por um instante para esta última expressão da afirmação aristotélica, pois ele diz que a filosofia não carrega a pretensão de atingir um fim determinado, portanto não pode ter a sua eficácia quantificada, medida a partir de um fim atingido. Diferentemente daquilo que nos impõe um modelo educacional que justifica um espaço para as ciências, mas não vislumbra espaço de justificação e ação para a filosofia nos currículos da educação básica, visto apenas de modo instrumental. Apontamos para a educação uma característica fundamental esquecida pelo modelo educativo vigente e triunfante: a educação se realiza nos discursos pela efetivação de uma comunicação que se instaura na linguagem, sempre renovada pelos desafios da realidade e que não se deixa aprisionar por modelos científicos, lógicos e formais.

Como realidades vivas o principal papel da linguagem e dos discursos se confrontam em nossas práticas e saberes consolidados.

Os desafios do ensino de filosofia não se limitam a encontrar uma nova linguagem para atualizar a exposição de conteúdo do passado, mas sim na proposta de superação de um modelo educacional que responde mais a interesses econômicos que formativos, construindo uma nova concepção de educação na qual o ensino de filosofia encontre ali o seu lugar natural, de tal forma que seja considerado estranho não se estudar filosofia e não o seu contrário. Assim, a essência do ensino de filosofia estaria

no desafio de estímulos para o aluno almejar mais do que a profissionalização, pois estaria voltado em preocupar-se com a invenção, descoberta e desenvolvimento da essência do comportamento humano intrínseco na formação do sujeito.

2.A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO ENSINO DE FILOSOFIA

Atualmente o nosso sistema de educação oferece um sistema de ensino que não deve ser analisado de modo isolado, isto é, independente do modelo econômico, das classes sociais em conflito, e da multiplicidade cultural. Esta reflexão ganha força quando examinamos os procedimentos que são vigentes no âmbito deste modelo.

Uma primeira constatação diz respeito ao exercício efetivo de buscar resultados objetivos, delineados pelos conteúdos de currículo que se pretende transmitir. A hegemonia é das disciplinas de cunho científico, mas não qualquer ciência, aquelas que possibilitam uma formação sem problematizações, basta atentar para as disciplinas que foram colocadas de lado na atual reforma de ensino efetivada pelo atual governo – Filosofia, Sociologia, Educação Física, Artes. No caso específico da filosofia, devemos assinalar que recebemos a dura tarefa de ensinar filosofia, com sua reflexão abstrata sobre temas igualmente abstratos, que não se presta a quantificação nem pode ser medida por objetivos pragmáticos, no contexto de uma educação carente de bases para dialogar sobre a natureza da realidade, da sociedade, e qual é o papel dos grupos sociais e de cada indivíduo no seio desta sociedade.

Podemos dizer que a atuação do professor, enquanto mediador do ensino e da aprendizagem deve-se encontrar para além de conteúdos oferecidos apenas nos manuais. Sabendo que deve despertar no aluno o interesse que se realiza pela motivação, e, com esta, como sendo a chave para o seu desenvolvimento em meio ao processo de formação, e posteriormente a efetivação do aprendizado.

Falamos do sentido que a filosofia pode agregar aos outros componentes do currículo, de modo articulado e com a própria condução do interesse e dos espaços que tendem a discussão do seu real sentido. Efetivar o pensamento na sua ação teórica e prática nos é apontado como o desafio a ser assumido, mas para que isso possa ser realizado é preciso romper com o isolamento imposto pelo modelo educacional vigente.

Na medida em que conseguir romper essa barreira poderá se debruçar sobre a sua vocação de pensar alternativas para as nossas convicções e prática sociais, possibilitando assim uma formação inovadora e atualizada.

A linguagem, portanto, deverá atuar como o primeiro contato, apresentado como uma espécie de “*chave*” que abre os entraves que permeiam as discussões sobre o conflito e o resgate do ensino de filosofia.

O exercício principal da filosofia é de abrir espaços para temas mais próximos da realidade do aluno, e que muitas vezes acaba não achando um sentido efetivo, ou mesmo válido para se estudar os seus conteúdos. Pois, analisar as condições que regem este mundo, pensar alternativas para as práticas vigentes deverá despertar no aluno questionamentos que habitam nele mesmo, mas que não foram estimulados a expressarem, manifestando o poder de transformar a sua condição.

Devemos desenvolver, portanto, uma linguagem que aproxime e traduza os conflitos vivenciados no processo formativo, e que tenha como propósito identificar as características e os interesses determinantes neste processo. Pois, a educação como determinada pela cultura, deve atender critérios e objetivos. Somos educados por “*ideias*”, e “*comportamentos*” que ultrapassam a nossa consciência de coisas. Assim sendo, propõe-se que a reflexão deverá desenvolver uma compreensão pessoal sobre a realidade.

Estabelecer uma ação linguística, compreendendo a linguagem enquanto comunicação e ato de fala, desde já, pode-se dizer que se trata de uma prática da “coletividade de interesses em comum”. A atividade da linguagem que abriga a comunicação nos coloca dentro de uma perspectiva que não procura tratar das relações sociais de forma natural nos seres humanos, mas, de uma prática específica, cuja sua novidade é dada pelo pano de fundo linguístico, remetendo para a impossibilidade da prática filosófica no plano da neutralidade, do isolamento reflexivo. A comunicação portanto, está voltada para a novidade da prática, rompendo com um modo de isolamento e afirmando que a linguagem se dá na proposta de um caráter pluralista.

A possibilidade que existe dentro da ação linguística pode ser encontrada no exercício que se apresenta e envolve a principal característica do ensino. Mesmo quando falamos da prática da fala como um exercício que se desenvolve nas atividades do ensino.

O termo comunicação tem origem no latim, associado à *communicatio*, e, desenvolve junto desta um confronto das ideias que rompem com o isolamento e busca a participação do coletivo como realização em comum. Por tanto, diante da etimologia da palavra, o termo *communicatio* (comunicação), pode ser visto de certa forma pela participação da atividade realizada conjuntamente. Para isto, cito:

... Recorrer a historia como registro dos fenômenos, nos remete ao exemplo da vida no mosteiro: “... No mosteiro aparecerá uma pratica que recebeu o nome de comunicação, que é o ato de “tomar a refeição da noite em comum” cuja à peculiaridade evidentemente não recai sobre a banalidade de “comer”, mas de fazê-lo ‘juntamente com outros’, reunido então aqueles que estavam isolados... (SILVA, 2011, p.13).

Dentro desta abordagem a possibilidade é “eminente”, e que se faz dentro do campo da linguagem, devendo ser entendida e garantida como direito para todos. Uma educação defoma responsável e produtiva faz com que cobremos e voltemos aos direitos da responsabilidade de uma política pública e compromissada com a educação e com a democracia. Participando da origem das ideias que o eu subjetivo se instaura, e, não se sustenta solitariamente. Assim, dentro da proposta de quebrar com esse isolamento e buscar no outro desenvolver a prática da fala em sua pluralidade, torna-se de certa maneira, uma competência que prova o conhecimento dentro da razão comum. Para isto, encontramos no exercício do diálogo, como empreendimento da busca da verdade.

A sua competência pode ser vista no segundo momento como relação entre o uno e o múltiplo no universo das relações. Perguntas e respostas evoluem para uma dialética, conhecendo assim de perto o outro. Em termos gerais esta proposta se configurou em um ensino que participa de uma ação contemplativa. Participando da forma fenomenológica, onde deverá atuar como “laboratórios de invenção”, a fim de romper com a simples reprodução do ensino.

Apesar de todos os riscos ideológicos que nascem, desde o processo da ação cultural, até mesmos se firmarem como linguagem, devemos voltar à atenção pela forma em que esta linguagem se apropriou do universo. Especialmente nas salas de aula, onde

se concebeu como participação existente para a própria formação em seu espaço cultural. Uma linguagem compreendida e cheia de interpretações, nas figuras de caráter precipitado, pode está configurada ao que se compreende por uma característica que passou de uma formação desejada, e concebida pelo trabalho “*dotado*” da vasta diversidade. Este compromisso estrutura a sociedade dentro das várias situações e das relações que existem. Assim, podemos aqui fazer uma observação acerca do vasto âmbito da subjetividade, que faz desta, talvez, um problema que coloca em risco a proposta do ensino de filosofia. Pois, não é possível promover um ensino que se comporta de forma e maneira distorcida, ao passo em que segue de sentidos cegos e precipitados.

Desenvolver este papel nos coloca diante de uma tarefa que tende a não descansar no sucesso, mas sim, no contínuo movimento. Preenchendo os espaços abertos pelo exercício da filosofia conduzindo a um maior compromisso.

Devemos encontrar pela imersão neste movimento de renovação a compreensão do exercício do ensino de filosofia como formação plena, atenta ao exercício da cidadania. Pois, a educação para o homem se recondiciona pela pesquisa e prática da comunicação que deverá ser pensado no propósito de encontrar as possíveis causas que impedem que os indivíduos alcancem o progresso no uso de sua própria razão. Porém, além de apresentar os impasses associados ao uso da razão e, por extensão, a capacidade de participar do processo educativo com liberdade e criatividade, sem se submeter à tutela de conhecimentos apresentados dogmaticamente é necessário apontar as possibilidades de superação de alternativas ainda que embrionárias. Assim, alguns autores contemporâneos problematizaram o estatuto da razão, do conhecimento e da filosofia no seio das sociedades modernas.

3.OS IDEAIS DE HABERMAS E RORTY E A RENOVAÇÃO DO MODELO EDUCACIONAL

Jürgen Habermas (1929) filósofo e sociólogo alemão, um dos pilares do movimento conhecido como *linguistic-turn*, ocorrido durante o século XX, cuja principal característica é o foco da filosofia e de outras humanidades, primordialmente, na relação entre filosofia e linguagem. Reconhecendo que a historicidade tem seu valor

pragmático, enfatizando a necessidade de uma teoria de valor universal, isto é, regras de justificação para todos em qualquer contexto real.

Através da pragmática universal, Habermas acredita poder levar adiante o projeto da modernidade, reconduzindo os propósitos emancipatórios da racionalidade. Segundo o filósofo, os conceitos intersubjetivos são produzidos a partir de acordos mútuos que cumprem o destino da razão. Dando oportunidades iguais de discurso e argumentação.

A proposta de Habermas visa transformar os propósitos originais do projeto moderno, desenvolvendo os aspectos comunicativos da razão no reconhecimento dos fatores existentes no mundo e na vida para uma teoria social. Enfatiza a importância da fundamentação linguística, levantando a possibilidade da razão comunicativa alargar a racionalidade, o que implicaria que a razão explicativa deveria ter por bases dos conceitos: a razão comunicativa e a comunidade ideal de comunicação⁴.

O aspecto científico da comunicação serve como forma de auxiliar a reconstrução da vida social quando organiza seus fundamentos, e ajuda na construção do desenvolvimento da teoria da sociedade.

O posicionamento do filósofo atende em defender o agir como intérprete da tradição e da cultura. Permitindo, por meio da comunicação, o entendimento mútuo e necessário, voltados aos interesses da vida social. Pois, para ele o acesso à formação ganha mais espaço quando condicionado ao homem contemporâneo, surgindo à possibilidade de abandonar o pensamento idealista e subjetivo da tradição filosófica. Com isso, ganha atenção para o embate sobre a liberdade das escolhas que caracterizam o abandono pelo movimento de mudança.

Um papel decisivo e distante segue para uma edificação da superação da metafísica, de modo que é tratada na educação pelo despertar da consciência do homem. Potencializando um produto *cognocente* de um dado no mundo, e procurando acessibilidade da comunicação. Para Habermas a educação é entendida como teoria da comunicação, seguindo uma proposta de uma pedagogia que traz um fundamento que se dá na tarefa de desenvolver consensos universais. Mostrando os fundamentos de uma teoria que legitima o discurso educacional.

O exercício reflexivo sobre as abordagens da hermenêutica, por exemplo, traz um pragmatismo da própria linguagem. Apresentando o que nasce como proposta da

⁴Teorias da comunicação nos estudos de relações pública, 2011.p, 25

superação do conteúdo que se estende ao ensino de filosofia. Falamos, portanto de uma relação dentro da educação, ao passo que Habermas encontra na comunidade linguística as técnicas do filosofar. Percebendo no discurso da formação no período moderno da história, se debruçando na investigação sobre a educação iluminista. Formulando e emitindo uma reflexão sobre o sujeito como produto de si. Sustentando que o debate em torno da questão da verdade em Filosofia deveria ser abandonado em troca das discussões sobre outros temas mais relevantes e para a melhoria da comunicação humana. Tais como: liberdade, democracia, ética, etc.

Diferente deste autor, Richard Rorty (1931-2007), filósofo pragmático estadunidense, propõe dissolver o tema da verdade em favor da ideia de liberdade. Seus apontamentos revelam que o discurso filosófico é o próprio discurso pedagógico que produz caminhos e respostas para as problemáticas educativas.

No pensamento de Rorty, a filosofia deveria abandonar suas pretensões direcionadas, livrando-se da intenção de querer resolver seus problemas. Sendo assim, o conhecimento útil necessita ser orientado pelos saberes significativos que emergem das culturas particulares, e estas jamais se encontram pelas pretensões de validade ou pelo consenso universal.

Não tão distante aponta na conversação, e que aqui podemos entender como comunicação o caminho do alcance da pragmática das comunidades especiais. Aquelas que percebem uma particularidade que efetiva sua classificação. No nosso caso, é de identificar os aspectos motivacionais que podem conduzir para aprendizado efetivo e sólido para o aluno.

Para atender este compromisso, Rorty defende os esforços para construção de uma sociedade tolerante, que acate aos interesses de grupos particulares, admitindo a existência completa das diferenças. Assim, para propor a superação do debate em torno da verdade, desenvolve uma proposta que pode renovar a filosofia na educação no mundo contemporâneo; uma herança que a sua efetivação “*começa e termina*”, por um processo de formação e elaboração dado pela sistematização da comunicação. Como força de expressão, efetivar uma inteligência que nos coloca diante de uma linguagem dialógica, que almeja desenvolver um comportamento adaptativo e transforma o indivíduo em membro de uma comunidade particular. Um indivíduo que valida conceitos a partir dos interesses e necessidades particulares que estejam determinados na conversação efetiva e de acordos. Assim, podemos entender que Rorty tratou de

desenvolver uma reflexão sobre o que seria a linguagem comum e como seria caracterizada por um modelo de formação.

A programação semântica é um exercício que aparece, e nos coloca diante da elaboração de sua sistematização, de onde capta as categorias mais importantes. Com isto, o fenômeno da educação deve visar esta ultrapassagem, e, apontar para a proposta que encontra nos pressupostos da pesquisa, aquilo que podemos converter na busca da motivação, enquanto valor de “correspondência”. Pois, as proposições refletidas pelos analíticos do século XX, especialmente nestes dois filósofos, apresentam e se encontram no modo de dizer. O indivíduo corresponde ao modo de ser, e como apresenta e se encontra na linguagem esclarecida na comunicação.

A comunidade deve reconhecer o papel da educação como processo que conduz a humanidade e a civilização. Homens e mulheres na condição de profissionais da educação: professores e professoras, coordenadores, instrutores, etc. Componentes que dizem respeito à estrutura de uma administração, sejam estes, num contexto privado ou público, a ideia tem em seu foco um serviço que visa à educação para além do mero uso instrumental.

A formação na escola deve fazer parte da realidade de cada grupo/comunidade, desenvolvendo uma ação não separada da ação prática. Caracterizando um domínio da linguagem que atenda e identifique o que a comunidade necessita em sua profunda atualização de seus resultados. Ou seja, falamos daquilo que resulta de um encontro gerado pela utilidade da ação.

Dentro desta perspectiva, voltada para a compreensão do uso que fazemos da nossa razão, voltamos para o plano de uma formação conduzida como *ação educativa*, pois, emana de uma teorização do conhecimento na própria realidade. Para isto cito:

A realidade que parte basicamente de três tipos de problemas: 1-Da natureza do conhecimento; 2-Da possibilidade do conhecimento; 3-Dos modos de manifestação do conhecimento. A realidade se torna um resultado das relações que emergem pela observação de diferentes grupos e sua crença como o seu valor, sua filosofia, formação, etc. Aqui devemos abrir um espaço ao pensamento metafísico Ocidental que nos remete a prática que se encontra num “segundo plano”, ou seja, no plano físico é que podemos tratar de uma prática cotidiana do homem. (PAVIANE, 2010, p. 39)

A educação precisa estar voltada para uma realidade do indivíduo, no intuito de preparar e transformar. Seria então esta a *motivação* que traz a educação como conhecimento controlado, e que tende a iluminar a realidade cultural do estudante em “*prol*” de uma cultura imposta?

A superação deste problema não caminha na ideia de uma cultura que simplesmente transita por uma linguagem proveniente da ação investigativa que transfere uma maior eficiência técnica. Não se estendendo ao simples objeto de um interesse ideológico, quando se faz presente um apelo ao papel que não está apenas em transformar as classes pela educação, mas, também permitir que tivesse um espaço na política com a apresentação das descobertas dos valores, da moral, e da ética. Em outras palavras seria abrir as portas para “*TODOS*”, através do exercício da verdadeira democracia, que já nasce por um sentido mais profundo.

A formação se tornou algo necessário para a permanência de uma cultura como uma estrutura da comunhão de ideias de princípio social. Trata-se por tanto de uma cultura escolar encontrada na instituição social, trazendo a *cultura* profissional em *constante* atividade cultural e científica na proposta de formar.

A escola estaria para acompanhar essa realidade, promovida por um contexto social, a fim de realizar o processo de aprendizagem. Deveríamos tomar, com isto, a escola como morada do conhecimento, pelo cuidado de um interesse maior. Estando por vezes voltados aos processos de aprendizagem quando não atingem as questões concretas da vida. Destituindo a importância que acaba por um “*conceito*” de alienação, e com isto a promoção de um recuo em nossa proposta.

Para entendermos este processo como processo de evolução, e que satisfaça o conveniente em matéria de formação, o direito a igualdade deve ser uma condição para todos os homens, pois estaria na educação a base da organização social e política.

O conhecimento é um elemento de “controle econômico e social”, por apresentar característica de utilidade na produção e formação da cadeia de atuação social. Sobre este ponto, a linguagem se encontra como produção, não para atender e resolver os problemas da sociedade, mas sim, para atender aos interesses de poder.

A verdadeira essência da sociedade parece que foi depositada pela ultrapassagem da linguagem que se confirma no aprendizado científico, crítico e cultural. Deste modo, a sociedade “*responde*” pela “boca do Estado”, que apresenta um discurso, em sua maioria, pela direção e equilíbrio.

Muitas vezes questionado, seja pelas raízes da experiência do conhecimento humano que manifestam sua crítica através da cientificidade que domina a linguagem, nos coloca diante de questionar o que está na história pela consideração de que aprender é uma abertura de um indivíduo para outro. Fazendo parte do processo que percorre, e nos leva ao mesmo tempo para um “simples tratado de resultados apresentados”.

O espaço democrático é construído a cada dia, no enfrentamento dos problemas postos pela vida coletiva. Ao mesmo tempo está para garantir a liberdade, a igualdade e a participação que visa o maior número possível de pessoas ativas, que visam guardar e reivindicar seus direitos sociais numa sociedade plural. Permitindo a diversidade de crenças, etnias, opiniões e projetos que visam um bem comum.

Com isto, podemos dizer de uma formação que hoje temos, atende ao modo de resultado fechado? E o que esperar?

Dizemos que a realidade que temos hoje, em matéria de programas de ensino, acaba passando por um ambiente fechado que ano após ano, os programas não se adaptam as mudanças que sofremos. Se assim, entendemos como causa negativa do ensino, e longe do seu real papel para a formação do indivíduo. Esperamos como superação, procurar os reais fatores, e equacioná-los de forma profunda, ao que está relacionando ao interior na forma e elaboração de conteúdos a serem apresentados.

A fundamentação do conhecimento científica, faz com que evidenciamos uma atividade pedagógica pela postura científica, onde, assume um papel fundamental na elaboração de programas e metodologias de ensino. Em outras palavras, a linguagem no processo científico se dá como processo de ação e reação. Ativando certos problemas e situações, assumindo uma postura de conhecer, e não de adquirir o conhecimento. (PAVIANE, 2010, p.94-95).

Deste modo, podemos dizer que a linguagem chega a ser uma alternativa, que prontamente deverá restabelecer o horizonte da nossa incapacidade de formular conceitos atendidos por um comodismo latente. Tanto nos professores como nos alunos, detentores de atitudes passivas e pouco afetiva às indagações e as reflexões. Fornecendo um descontentamento que consome o homem, e o convida para criar a coragem de ouvir as comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa nasceu a partir da nossa preocupação com o desenvolvimento do ensino de filosofia, pois desde muito tempo encontramos diferentes testemunhos que essa prática tem convivido com crises: seja aquela decorrente do autoritarismo da ditadura militar, seja a mais recente associada ao modelo neoliberal de educação, cujo processo de implantação ainda se encontra em curso.

Desde o seu aparecimento no período clássico com os gregos o ensino de filosofia é guiado pelo convite à reflexão, buscando uma nova fundamentação para o saber de modo que este estivesse em sintonia com a sociedade democrática que estava sendo constituída. Na contemporaneidade o seu ensino carrega esta marca crítica e reflexiva, manifestado pelo desejo de transformação, de estabelecer um compromisso com a construção de uma sociedade marcada pela liberdade que cultiva ideais de igualdade.

Reconhecer a necessidade de emancipação do aluno, partindo dos valores presentes na sociedade que nos conduz a pensar em alternativas, deve atuar na laboração de questionamentos que possam conduzi-los a compromissos, em especial, com a sua própria educação. Entender que por meio de questionamentos e diálogos, cada um pode colaborar para a transformação do mundo, da educação e da própria vida. Assim, a educação como um todo, e, a filosofia de modo particular assume como desafio formar para a emancipação, para o compromisso com a sociedade e não somente limitar-se a transmissão de conhecimento em vista da profissionalização.

A educação, e, destaque com ênfase o ensino de filosofia, não deve limitar seu exercício a discussão de metas abstratas e impossíveis, as quais resultam em frustrações de todos os indivíduos envolvidos, mas antes disto, deve atuar na seleção de temas e na construção de categorias que possibilitem discutir a realidade, tomar a realidade, mesma da qual cada um participa e transformar em conteúdo de reflexão. Esse exercício do filosofar possibilita encontrarmos e desenvolvermos temas da atualidade, dos quais podemos resgatar um novo sentido para a realidade. Esse modelo do ensino da filosofia nos conduza discussão do aspecto instrumental do ensino e a aprendizagem. Com isto, entendemos que a prática educativa voltada para a problematização da realidade como um todo e do modelo de ensino, em particular, é o espaço próprio do fazer filosófico, crítico e reflexivo. Esse modelo de ensino envolve escolhas políticas, afasta os

consensos construídos artificialmente e pode ser um caminho para se construir uma resposta para a questão motivacional que envolve interesse e escolha. Uma reflexão sobre sua própria realidade pode assumir um papel fundamental na formação do estudante. Portanto, a experiência já testemunhada por diferentes operadores da educação nos coloca diante da importância da aproximação entre o aluno e o professor, para que juntos possam construir uma formação participativa e transformadora.

Entender que o trabalho se volta para uma efetivação e superação dos problemas que circundam o ensino e aprendizagem no processo da formação do sujeito deve também possibilitar para o despertar de questões éticas, políticas e filosóficas. Assim, analisar com profundidade os resultados das experiências, e, estas, dentro do espaço comum encontram seus resultados na coletividade, da qual entendemos tornar mais efetiva a superação dos conflitos. Tanto para os que cursam as licenciaturas, como também para aqueles que cursam uma pós-graduação.

Uma nova perspectiva começa a ser originada quando o jovem compreende e problematiza a realidade que o circunda, pois, poderá se transformar em sujeito efetivo da construção da sua própria formação.

Acreditamos no movimento que faz resgatar o valor de aproximação do real, utilizando um conjunto de técnicas, métodos e meios organizados de forma interdisciplinar para resolver problemas que acertam em cheio a realidade não só do ensino de filosofia, mas também da educação como um todo. Assim, encontramos uma contribuição para formar homens e mulheres capazes de interagir no seu grupo social, a fim de melhorá-lo e melhorar-se a si mesmo.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria. A. **Temas de Filosofia**. 3ªed.rev. São Paulo: Moderna, 2005.
- CORNELLI, G. CARVALHO, M. e DANELON, M.(Orgs). **Filosofia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 14).
- CUNHA. M.I.C. **Motivação e tecnologia educacional**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional-1979.
- DIMESTEIN, Gilbertto. STRECKER, Heider; GIANANTI, Alvaro Cesar; **Dez Lições de Filosofia para um Brasil Cidadão**. São Paulo: FTD, 2008.
- FISCHER, R. M. B. **Foucault revoluciona a pesquisa em educação?**PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371-389, jul./dez. 2003
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- MEDINA, José. **Linguagem: conceitos-chave em filosofia**. Trad. Fernando R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PAVIANE, Jayme. **Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino**. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- SILVA, S. T. M.da. **Teorias da comunicação nos estudos de relações públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- TELES M.L.S. **Filosofia para jovens: uma iniciação à Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- VIERO, C. P. et al. **Filosofia da Educação a partir do dialogo contemporâneo entre Analíticos e Continentais**. Santa Maria: EDIPUCRS, 2004.